



CARVALHO, Robson Santos de. **Ensinar a ler, aprender a avaliar**: avaliação diagnóstica das habilidades de leitura. São Paulo: Parábola Editorial, 2018. p. 176.

## **A AULA QUE FALTA – PARA UMA PEDAGOGIA DA AVALIAÇÃO EM LEITURA**

Sidney Silva Martins<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Sergipe  
(sidneymartinsletras@gmail.com)

Infelizmente, as avaliações da educação brasileira continuam dando aos trabalhos intelectuais que dela se ocupam o caráter vaticinador do insucesso. Em setembro de 2018, o Professor Robson Carvalho publicava, pela Parábola Editorial, o livro *Ensinar a ler, aprender a avaliar: avaliação diagnóstica das habilidades de leitura* sobre os desafios do ensino e da avaliação de leitura no Brasil sem poder saber (embora talvez suspeitasse) que, em fins de 2019, os resultados da última edição do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) apresentariam mais um quadro desolador para o ensino de leitura no país — o desempenho de nossos estudantes, em relação a essa competência, estagnara no decênio 2009-2019 (PINHO; AMÂNCIO, 2019).

Esse quadro problemático do ensino de leitura no Brasil, nosso conhecido de longa data — mas agora atualizado, com contornos ainda mais alarmantes — é o cerne da argumentação empreendida por Carvalho na obra supracitada. O autor soma sua experiência como ex-professor da educação básica e como atual docente e pesquisador da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e colaborador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), para lançar luz sobre a temática, conjugando os olhares que sua ampla experiência possibilita — os olhares docente, científico e institucional.

Na apresentação do livro, o autor deixa claro que público pretende alcançar: os professores em atuação e os discentes de licenciatura do país. Segundo suas palavras, seu objetivo é mostrar um modelo eficaz de avaliação em leitura para ajudar esses profissionais, atuantes e em formação, a entenderem as principais dificuldades dos alunos em relação à leitura e, principalmente, saber diagnosticá-las por meio de avaliações eficientes. Esse tipo de avaliação é o que ele denomina no subtítulo de *Avaliação Diagnóstica das Habilidades de Leitura*.

Para dar uma indicação das bases conceituais que sustentam seu trabalho, — o que se torna fonte confiável para os leitores aspirantes à pesquisa na área — no primeiro capítulo, Carvalho se dedica a apresentar os conceitos de *habilidades*, *competência leitora*, *texto* e *leitura*. De modo claro e bem fundamentado, o autor acaba por desvelar esses conceitos, importantes para o ensino de leitura, ao passo que oferece informação pertinente tanto para os leitores

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Português.



incipientes nas discussões sobre avaliação de leitura, quanto para os professores em atuação que não tiveram esclarecimento sobre esses conceitos na graduação, mas que precisam desse conhecimento para alinhar as suas práticas às diretrizes das avaliações externas.

Ainda nesse capítulo, o autor deixa claro que entende a aprendizagem da leitura como um “processo de aquisição, desenvolvimento e consolidação de habilidades” (p. 18) para o desenvolvimento de uma *competência leitora*; ou seja, para o desenvolvimento do conjunto de habilidades necessárias para a prática efetiva de leitura. E, filiando-se a estudiosos da linguística textual, como Koch e Marcuschi, acredita que o texto não pode estar preso à sua materialidade linguística, mas, pelo contrário, a supera, e se define pelo uso social que fazemos dele. Isso o leva a reconhecer a *leitura* como um processo de interação, que demanda, portanto, a participação ativa do leitor para a produção de sentidos. Corroborando uma concepção atual de leitura, para Carvalho, leitor competente é o leitor *produtor* de sentidos. Além disso, ele faz um apontamento importante: essas habilidades de leitura não devem ser encaradas como responsabilidade da disciplina de português apenas, mas como conhecimento de que todas as disciplinas do curricular escolar devem se ocupar. Uma questão que pode parecer óbvia, mas necessária de ser retomada, haja vista ainda não ter sido superada nas escolas brasileiras.

No segundo capítulo, o autor se dedica a desvelar o conceito de *avaliação*. Neste momento, ele apresenta um breve histórico da avaliação, pontuando a oposição entre uma *visão positivista de avaliação*, com foco no produto (quantitativo); e uma *visão diagnóstica em avaliação*, centrada no processo (qualitativo). É a partir desta segunda visão que as avaliações externas vêm se baseando, e na qual sua proposta de avaliação diagnóstica de leitura se esteia. Devido ao seu caráter amplamente pedagógico, a proposta do autor pode ser encarada como uma *pedagogia da avaliação em leitura*. Pois, para Carvalho, a prática pedagógica, em todos os seus momentos (início, meio e fim), deve estar baseada numa avaliação diagnóstica que vise aferir o desenvolvimento (ou não) das habilidades trabalhadas com os estudantes. Os resultados dessa avaliação constante é que devem, a seu ver, traçar os rumos do fazer pedagógico em sala de aula.

No terceiro capítulo, o autor apresenta discussões a respeito das matrizes de referência das habilidades de leitura de duas avaliações brasileiras de caráter externo, aplicadas pelo Sistema Mineiro de Avaliação (SIMAVE) e pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica Nacional (SAEB). Além de conceituar o que são matrizes de habilidades, o autor se dedica a explicar cada um dos elementos que compõem essas matrizes. Diante disso, de forma clara e sucinta, os descritores de habilidades, desconhecidos de muitos docentes, são devidamente elucidados.

Nesse capítulo, o autor ainda faz uma constatação importante: os analistas de texto ainda não despertaram para a relação profícua entre as categorias de análise textual e as habilidades de leitura, o que poderia trazer benefícios, sobremaneira, para o ensino de leitura. Preenchendo essa importante lacuna, ele se



dedica a estabelecer relações entre as categorias de análise de textos apresentadas por estudiosos do texto, como Irandé Antunes e, principalmente, Jean-Michel Adam — com sua Análise Textual dos Discursos (ATD) —, e as habilidades de leitura apresentadas pelas matrizes de referência de avaliação. Com sua demonstração, ficam evidentes as confluências entre essas abordagens e os ganhos que esse casamento pode oferecer para o tratamento do texto e da leitura de textos na sala de aula.

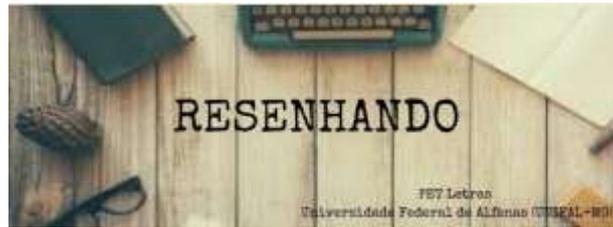
No breve quarto capítulo, o autor explicita as experiências com a elaboração de avaliações de leitura em um programa de capacitação docente ministrado por ele, no estado de Minas Gerais. O objetivo desse programa era a formação de docentes da educação básica para que eles mesmos pudessem elaborar suas avaliações de leitura. Nele, os docentes da educação básica eram instados a elaborar itens (questões) para posteriormente aplicá-los em suas respectivas salas de aula. A análise da constituição das questões e, principalmente, dos dados das aplicações, com as respostas dos alunos, leva o autor a compor o *corpus* de sua pesquisa de doutorado; são os resultados dessa pesquisa que ele nos apresenta neste capítulo. Os números dessa investigação são bastante significativos: o autor acabou por estudar o desempenho de 2.444 alunos da educação básica de 92 escolas municipais e 2 estaduais, de 11 cidades da região sul de Minas Gerais.

O quinto e último capítulo tem um caráter mais analítico. É nele que o autor nos dá um panorama dos dados colhidos com a sua investigação. Em resumo, os dados corroboram outros estudos, como o de Marcuschi (2001) com a sua Tipologia das Perguntas de Compreensão em Livros Didáticos de Português, ao evidenciar que há um baixo desempenho discente em relação a processos inferenciais em leitura.

De acordo com os dados apresentados, os alunos demonstraram os mais baixos índices nas habilidades D11 (*Estabelecer relações lógico-discursivas presentes nos textos, marcadas por conjunções, advérbios etc.*) e D12 (*Reconhecer efeitos de sentido decorrentes de pontuação e outras notações*). Como se vê, nem quanto aos aspectos linguísticos do texto os alunos mostraram significativamente hábeis, o que seria de se esperar, tendo em vista que a gramática normativa ainda toma conta da maior parte da carga-horária dos professores de português.

Por outro lado, os alunos demonstraram desempenhos altamente satisfatórios em habilidades que demandam uma análise da superfície textual, como a D12 (*Estabelecer relações de causa e consequência*). Em relação a esses resultados, percebemos que eles retratam o que vem sendo feito da compreensão e interpretação de texto nos livros didáticos: é certo que alguma habilidade está sendo construída, mas ainda muito aquém do que se poderia definir como habilidades para o desenvolvimento pleno de uma competência leitora.

De modo claro e fundamentado, nessa obra, o autor acaba por desvelar conceitos importantes para o ensino de leitura, o que faz dela um eminente referencial para professores em formação e, principalmente, para professores em



atuação nas escolas de nível básico brasileiras. Se é certo que “avaliar é educar” (p. 8), como nos lembra, no prefácio da obra, o prof. Celso Ferrarezi Jr., devemos encarar como premente a necessidade de preencher as lacunas da formação nas licenciaturas, começando por uma pedagogia da avaliação em leitura, com o que nos brinda Carvalho em seu livro. Caso contrário, continuaremos a ser copartícipes dos sucessivos fracassos em leitura de nossos alunos.

Como bem levantado no arremate do segundo capítulo, o autor pontua a presença insuficiente dos tópicos sobre avaliação nos currículos dos cursos de licenciatura do país. O que pode ser facilmente constatado com a experiência empírica de muitos de seus leitores, que certamente procuram (e vão procurar!) ler o seu trabalho, levados que são pela necessidade de preencher algumas das lacunas de suas licenciaturas. Este livro tem a capacidade, em alguma medida, de preenchê-las, e muito satisfatoriamente.

É diante disso que assim podemos perceber a obra: como a aula que — ainda — falta para os cursos de licenciatura em Letras do país.

## Referências

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A. Compreensão de texto: algumas reflexões. *In*: DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (org.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucena, 2001.

PINHO, Angela; AMÂNCIO, Thiago. Prova do Pisa expõe década de estagnação no ensino no Brasil; China passa a liderar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 dez. 2019. Educação. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/prova-expoe-decada-de-estagnacao-no-ensino-no-brasil-china-passa-a-liderar.shtml>. Acesso em: 19 fev. 2021.

Recebido em: 20/02/2021  
Aprovado em: 09/03/2021